

## A cultura do projecto (de arquitectura)

Vincenzo Riso\*

O mote “da colher à cidade” foi um slogan que simbolizou eficazmente a afirmação da linguagem da Arquitectura moderna nas décadas centrais do século XX mas, posteriormente, esta ideia acabou por ser aplicada num sentido literal, como se os profissionais da Arquitectura fossem automaticamente capazes de dar forma a qualquer coisa. Esta ideia revelou-se fatalmente uma assunção falaciosa, que, para além de desacreditar os ideais modernistas, acabou por lentamente nos conduzir à chamada bolha da Arquitectura icónica do início do século XXI onde, bem longe da ambição de abranger todas as escalas de intervenção do ambiente construído, a Arquitectura tem vindo a ser confinada ao âmbito das obras-primas desenhadas, e sobretudo assinadas, por um reduzido número de “estrelas” da profissão.

---

\* Presidente da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho e Professor Associado da mesma Escola.

Agora, os tempos da crise do sistema económico do mundo ocidental, impõem uma reflexão cultural, que implica a reabertura do discurso sobre a operatividade e os âmbitos de aplicação da Cultura do Projecto. Trata-se fundamentalmente de voltar assumir a plena consciência da especificidade disciplinar da Arquitectura, que pela sua natureza necessita de internamente catalizar contribuições e orientações externas e variáveis, a fim de obter as soluções adequadas e assim gerar novo conhecimento. Implicitamente, a Cultura do Projecto (de Arquitectura), tal como de modo explícito acontece para a Cultura científica, necessita de metodologias escrupulosas, ocupa-se de problemas complexos, trabalha com processos de modificação, estuda as interações e as consequências das soluções imaginadas, e responsabiliza-se pela difusão dos achados.

Neste contexto, acontecem cada vez mais experiências, que nas dificuldades da actualidade visam interpretar a prática do Projecto, não apenas como uma arte de invenção das formas, mas também, e talvez sobretudo, como uma arte de gestão das transformações. Na grande escala de intervenção, a questão que mais frequentemente se coloca é aquela da reparação ambiental; e os Projectos que realmente assumam este propósito necessitam considerar outras questões, tais como – por exemplo – aquela do consumo do solo, que não pode ser contida dentro de uma concepção simplesmente estética da paisagem. Em paralelo, na outra extremidade das escalas de intervenção, quer dizer ao nível do design de produto, a necessidade de integrar no Projecto novos processos tecnológicos e efectivas atenções sociais, faz com que esta área disciplinar se possa afirmar não tanto como âmbito de extensão da aplicação da criatividade, quanto mais apropriadamente como campo de acção para a criação de valores acrescentados no mundo da produção industrial. E também à escala do Projecto de Arquitectura tradicionalmente entendido, não há dúvida que a construção de objectos auto-referenciados, cuja finalidade consiste numa espectacularidade estética, seja agora materialmente e culturalmente insustentável e, portanto, que contribuições mais válidas para a vida das cidades e dos seus habitantes tenham de ser encontradas.

Mas, seja qual for a escala de intervenção, é preciso considerar também os limites do Projecto; sendo que a ambição, imaginada pelos pioneiros do movimento moderno, que a Arquitectura pudesse resolver todos os problemas do

meio ambiente, determinou frequentemente intervenções não respeitosas (isto é, redutoras) da complexidade da realidade. Na verdade, a este respeito deve-se também observar que as asperezas e as inadequações de tantos projectos modernistas, se comparadas com as manipulações ocultas dos tempos recentes, eram, pelo menos, reveladoras de umas intenções sinceras; ou seja, embora fossem sintoma de ilusões falaciosas, constituíram-se também testemunhos de uma leal assunção de responsabilidades não subordinada a outros (isto é, não publicamente assumidos) interesses. Pois o aviso (lançado em 2002 por Slavoj Žižek no seu *Welcome to the desert of the real!*) de que vivemos um tempo em que a busca pela realidade objectiva que há por detrás das aparências é falsa, funcionando como o estratagema definitivo para evitar o confronto com o real, também à nossa condição operativa provavelmente diz respeito.

De qualquer maneira, perante as mais urgentes questões económicas e ecológicas, a Cultura do Projecto volta agora a ser inevitavelmente (sempre que entendermos fornecer contribuições úteis) confrontada com a responsabilidade ética das suas actuações. Qualquer acção de transformação, qualquer escolha de Projecto, não é indiferente nem autónoma do devir económico e cultural da sociedade. Assim, o Projecto oferece à investigação científica a possibilidade de tomar posição explícita sobre os problemas da colectividade. Por outras palavras, através da Cultura do Projecto, a ciência tem uma maneira de ultrapassar as cómodas pretensões de neutralidade e contextualizar-se num específico quadro espacial e temporal. É ainda através da prática do Projecto que é possível ganhar consciência da multiplicidade dos planos de relação entre o ambiente e as pessoas que o habitam. Em suma, ao intervir na realidade por meio das suas formas e materiais, o Projecto estabelece-se dispositivo de conhecimento tanto quanto agente de transformação.